

* *
*

LAMBERT (Jacques). — *América Latina: estruturas sociais e instituições políticas*. Companhia Editôra Nacional. São Paulo. 1969. 435 pp.

A América Latina, contrapondo-se à América Anglo-Saxônica, constitui uma realidade geográfica e sócio-econômica altamente complexa. Se não bastasse a variedade atual, ela apresenta uma diversidade evolutiva em suas unidades políticas que torna temerária a elaboração de qualquer síntese abordando essa extensa área continental.

Se a tarefa é temerária, não é impossível. É o que nos ensina Jacques Lambert que se empenhou na tarefa de apresentar a *América Latina: estruturas sociais e instituições políticas*, na qual o leitor se sente perfeitamente recompensado. O autor, já conhecido do público brasileiro através da magnífica obra *Os dois Brasis*, continua a demonstrar sua argúcia e profundo conhecimento do mundo latino-americano.

A América Latina constitui um território com vistas voltadas para o futuro, onde a “arrancada” está para se produzir, pois “terras e recursos minerais existem; a população que ainda falta multiplica-se com bastante rapidez; a vontade de desenvolvimento econômico e social dos governos tem se afirmado intensamente a partir da Primeira Guerra Mundial e já produziu importantes resultados no Brasil, no México, no Chile e na Argentina”.

Baseando-se nas características das estruturas sociais e econômicas da América Latina, montadas a partir da fase colonizadora, e no desenvolvimento recente, Lambert distinguiu a seguinte tipologia: países já desenvolvidos (Argentina, Uruguai e Chile); países desigualmente desenvolvidos (Brasil, Colômbia, Venezuela e México) e países subdesenvolvidos (Paraguai, Bolívia, Perú, Guianas, Nicaragua, Honduras, Guatemala, El Salvador, Haiti e República Dominicana). Para os casos de Costa Rica, Panamá e Cuba usou a denominação de “situações aberrantes” por seus contrastes, instabilidade de dados e absoluta impossibilidade de previsões.

Muitas das características sociais e políticas têm seus fundamentos na estrutura fundiária, com a instalação desde os primórdios dos latifúndios (“grandes propriedades exploradas por métodos arcaicos e parcialmente explorados”) que, propiciando a justaposição entre o poder econômico e o poder político, trouxe para a América Latina sintomas medievais. Analisando com precisão a função sócio-econômica dessa categoria de propriedades rurais, o autor demonstra como e porque tal tipo de regime econômico de terras pôde retardar a evolução social e como é urgente a concretização das reformas agrárias que de há algum tempo mormente a partir da década de 50, vem sendo tentadas.

A vida política insere-se num contexto de conturbações, contradições e instabilidade. Mas a generalização extensiva é perigosa, quer no tocante às durações (alguns países tem tido longos períodos de estabilidade política), quer no que tange às comparações entre os países. Comparativamente, o autor assinala que “englobar num mesmo julgamento a vida política do Chile ou do Brasil e a

da Bolívia ou do Haiti é tão legítimo quanto fazê-lo em relação à Inglaterra e aos países escandinavos, por um lado, e os países balcânicos, por outro”. Tais instabilidades políticas tem suas causas no processo de desenvolvimento. As revoluções e regimes autoritários, sobretudo militares, atualmente caracterizam em todo o mundo os países em desenvolvimento, “cuja estrutura econômica e social arcaica se transforma rapidamente sob a influência das técnicas e das ideologias emprestadas a países mais adiantados”.

O estudo das forças políticas e dos partidos ocupa grande parte da obra e surge como a melhor tratada. Desde as forças políticas do passado (coronelismo, caciquismo e caudilhismo) até às atuais (sindicalismo, populismo, militarismo, democracismo, etc.), tôdas as correntes são assinaladas em suas origens, funções, importância e ação atual.

A caracterização das instituições políticas encontra-se traçada de maneira satisfatória, salientando as fases de organização política até a centralização e preponderância presidencial.

Importante a assinalar é a farta documentação bibliográfica incluída no fim de cada capítulo, constituindo atual e minucioso levantamento das fontes disponíveis, guiando e ampliando o interesse para os estudos sociais e políticos do mundo latino-americano.

ANTÔNIO CRISTOFOLETTI.

* *
*

CARDOSO (Fernando Henrique) e FALETTO (Enzo). — *Dependência e Desenvolvimento na América Latina: ensaio de interpretação sociológica*. Zahar Editôra. Rio de Janeiro. 1970. 144 pp.,

Escrito no Chile entre 1966 e 1967, época em que os autores trabalhavam em estreita relação com economistas e planejadores, num instituto internacional de ensino, pesquisa e assessoria à planificação, o presente ensaio procura estabelecer um diálogo sobre o desenvolvimento da América Latina, para salientar a natureza social e política do processo desenvolvimentista. Tiveram os autores a preocupação de demonstrar que “falar da América Latina sem especificar dentro dela as diferenças de estrutura e de história constitui um equívoco teórico de conseqüências práticas perigosas”. Além de uma introdução, consta a obra de cinco capítulos assim intitulados: 1. — Análise integrada do desenvolvimento; 2. — As situações fundamentais no período de “expansão para fora”; 3. — Desenvolvimento e mudança social no momento da transição; 4. — Nacionalismo e populismo: forças sociais e política desenvolvimentista na fase de consolidação do mercado interno; 5. — A internacionalização do mercado: o novo caráter da dependência.

ODILON NOGUEIRA DE MATOS.